

## **Ativismo Curatorial: vídeo, artemídia e tecnologia na América Latina**

Phd Regilene A. Sarzi-Ribeiro (UNESP)

Sofia Sartori dos Santos (UNESP)

### **RESUMO**

Trata-se de uma pesquisa sobre como o vídeo, associado a artemídia, participa do ativismo curatorial em exposições na América Latina. Visa propor uma curadoria de cunho ativista envolvendo videoarte, somada à investigação de formas inovadoras de curatorias que compõem expografias potencializadas pela tecnologia. Pesquisa aplicada, qualitativa, pautada no levantamento bibliográfico (Reilly, Rancière, Palermo, Bollier), coleta de dados e interpretação dos resultados. Os resultados revelam curatorias a partir das quais o vídeo participa do ativismo curatorial, desempenhando papel social, educativo e de enfrentamento das desigualdades.

Palavras-chave: Festival Sesc\_Videobrasil, Ativismo Curatorial e Tecnologia.

### **Abstract:**

This is a research on how video, associated with media art, participates in curatorial activism in exhibitions in Latin America. It aims to propose an activist curatorship involving video art, in addition to the investigation of innovative forms of curatorship that compose expographies enhanced by technology. Applied, qualitative research, based on the bibliographic survey (Reilly, Rancière, Palermo, Bollier), data collection and interpretation of results. The results reveal curatorships from which the video participates in curatorial activism, playing a social, educational and inequalities-fighting role.

Keywords: Sesc\_Videobrasil Festival, Curatorial Activism and Technology.

## **1. INTRODUÇÃO**

O artigo é composto por um estudo acerca dos Festivais incentivados pelo Videobrasil e pelo Sesc com o recorte temporal entre 2010 e 2020, com base na fundamentação teórica da pesquisa de mestrado, “Ativismo Curatorial: Vídeo, Artemídia e Tecnologia na América Latina”. Identificou-se em que medida é possível destacar estratégias sugeridas por Maura Reilly (2018) perante Ativismo Curatorial; como os festivais reforçam a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras,

com base nas teorias de Grear e Bollier (2020) e Zulma Palermo (2014); qual a relevância do vídeo e da tecnologia nesses festivais com fundamentação em Arlindo Machado (2007); e como o indivíduo pode ser transformado por meio da conexão com tais vivências proporcionadas pelos Festivais Sesc\_Videobrasil com respaldo da teoria de Espectador Emancipado do filósofo Rancière (2010).

## 2. ATIVISMO CURATORIAL

São apresentados aspectos em que os Festivais promovidos pelo Videobrasil e pelo Sesc se equiparam ao Ativismo Curatorial, da perspectiva de Maura Reilly. A parceria entre o Videobrasil e o Sesc contribui para a criação de um novo cânone que evidencia o Sul Geopolítico.

No 17º Festival do Videobrasil, tem-se a definição de que ele tem o papel de vitrine privilegiada para a produção do sul geopolítico do mundo, com obras de 101 artistas da América Latina, África, Leste Europeu, Oriente Médio, Ásia e Oceania, e torna-se o primeiro festival de arte contemporânea do país. Ao proporcionar esse local de destaque para o sul geopolítico do mundo, identificou-se a desigualdade no âmbito artístico e trabalha-se para uma melhora em tal questão.

Maura Reilly diz que o Ativismo Curatorial precisa existir para movimentar as mudanças que são necessárias ao mundo artístico:

“(...) uma curadoria inteligente. Sua prática é enraizada na ética e, como tal, suas exposições funcionam como corretivas curatoriais para a exclusão de Outros Artistas das narrativas mestras da história da arte e da própria cena da arte contemporânea.” (REILLY, 2018, p.215, tradução nossa).

É possível notar que o Videobrasil tem como objetivo resgatar e evidenciar artistas do Sul Geopolítico, como Reilly diz, ele também funciona como uma “corretiva curatorial” pois se preocupa com a formação no âmbito do circuito sul e é aberto a todas as linguagens artísticas.

O Ativismo Curatorial, principalmente da perspectiva que Maura Reilly apresenta, tem como estratégia a premissa de que todos os indivíduos envolvidos no ambiente artístico e curatorial devem trabalhar juntos com um mesmo propósito, de reparar as exclusões e preconceitos enraizados no sistema, para que a disseminação do conhecimento propicie uma sociedade mais empática e consciente, e que consiga reparar seus danos. Como Reilly elucida:

Precisamos agora - talvez mais do que nunca - sermos lembrados do perigo da supremacia masculina branca, de sua insidiosidade, e desenvolver táticas para combatê-la a cada passo. Devemos implantar estratégias para garantir que Outros artistas sejam reconhecidos como grandes contribuintes para nossa civilização e que eles ocupem seu lugar de direito ao lado dos “grandes” da história da arte. (REILLY, 2018, p.216, tradução nossa)

O Festival, assim como Maura Reilly, tem como estratégia a união dos indivíduos do cânone artístico para atentar-se a produção do Sul Geopolítico, assim busca reparar exclusões e preconceitos enraizados no sistema por meio de exposições, seminários e espaços de formação do cidadão.

A autora sugere algumas estratégias de resistência, dentre essas observa-se em quais momentos é possível correlacionar tais estratégias com as edições investigadas do Festival. Tem-se o Revisionismo, o Estudo sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional.

O Revisionismo resgata histórias não contadas e reescreve o cânone artístico, incorpora os que foram recusados, esquecidos ou escondidos. Permite a criação de espaços dentro de instituições masculinas brancas e apresenta ao público uma perspectiva divergente do que é tido como convencional. O Estudo sobre Áreas Específicas visa a produção de novos cânones, exposições inteiras dedicadas a um assunto específico, uma forma de correção curatorial. E por fim a Abordagem Relacional, que busca a abolição da hierarquia e não a assimilação das questões específicas. Uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo em local de igualdade. Todas como arte contemporânea.

Essa última abordagem propõe uma arte polissêmica, com posições contraditórias e práticas contestadas. Propõe a escrita, criação de um novo âmbito, cria assim um novo comum composto por diálogos diversos.

A criação do Festival “Panoramas do Sul” se encaixa especificamente no Estudo de Áreas Específicas que Maura Reilly apresenta. Viabiliza uma nova perspectiva, com a organização do Videobrasil e do Sesc, um acervo voltado ao Sul Geopolítico foi criado, pensando principalmente no resgate e na valorização das produções artísticas desse recorte.

Dedica-se, portanto, uma série de festivais a um local geopolítico específico, que aborda diversos temas, o festival como âmbito da arte contemporânea tão relevante quanto outros. Se aproxima, dessa forma, da terceira estratégia proposta por Reilly, a Abordagem Relacional, que prega a abolição da hierarquia ao invés da assimilação das áreas específicas, uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo em local de igualdade. Assim, todos são considerados Arte Contemporânea.

Os festivais do Videobrasil, entre os anos de 2010 e 2020 mesclam eximamente os Estudos sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional apresentados por Reilly, que volta ao Revisionismo quando fundamental.

Nesse momento faz-se necessário dar atenção a cada festival produzido durante essa década e uma identificação de quais estratégias podem ser encontradas em cada um. Os dados foram retirados do site da Associação Cultural Videobrasil, que contém um acervo dos festivais produzidos.

No 17º Festival “Panoramas do Sul” - 30/09/2011-20/01/2012 - foram produzidos seminários que discutiram hipóteses curatoriais e editoriais, articulações em rede e proposições voltadas para a formação no âmbito do circuito sul. A criação desse espaço de seminários é um feito que espelha o Revisionismo, que Reilly sugere, por meio da formação fundamentada na localização geopolítica do circuito sul, resgata histórias que não fazem parte do cânone artístico. Promove um espaço específico de discussão dentro de festivais internacionais, por contar com produções de diversos países, têm seu alcance amplificado e apresenta ao público uma perspectiva divergente.

Ao criar esses festivais com o título de Panoramas do Sul, abre um novo cânone específico a esse local geográfico, assemelha-se ao Estudo sobre Áreas Específicas que Reilly apresenta, Festivais inteiros dedicados a corrigir a falta de reflexões perante assuntos específicos.

Um dos seminários do 17º Festival, “Experimentando arte contemporânea”, tem foco no aspecto educativo e discute as estratégias da curadoria educativa do festival, que

busca ampliar a compreensão do público e explorar o potencial formador da arte. Assim a exposição é um lugar de formação do cidadão. Em tal configuração, ao tomar o conceito de arte contemporânea para o festival, mesmo utilizando nomenclaturas como circuito sul e sul geopolítico, a organização aproxima-se da Abordagem Relacional sugerida por Reilly, pois auxilia na abolição de hierarquias, prioriza a diversidade de vozes em local de igualdade, e apresenta todas como arte contemporânea.

Já outro seminário desta mesma edição do festival, Reflexões sobre arte contemporânea, visa ampliar as reflexões em torno do sistema artístico contemporâneo no contexto do circuito Sul do mundo. Investiga casos que apresentam a arte como terreno de formação do cidadão, instituições à margem do circuito da arte e estratégias curatoriais e editoriais. Estimula reflexões em indivíduos que não necessariamente tiveram contato com essa ideologia, de que tal local geopolítico também produz arte contemporânea, tanto quanto locais já considerados canônicos dentro do âmbito artístico.

O 18º Festival “Panoramas do Sul 30 anos” - 06/11/2013-02/02/2014 - como o anterior, também é dedicado à produção do Sul Geopolítico. A mostra competitiva deste festival pretendeu um mapeamento de temas, poéticas, discursos, procedimentos e estratégias que caracterizam a produção contemporânea do circuito Sul. O que pode se equiparar a estratégia de Estudo de Áreas Específicas, pois produz uma exposição inteira com esse mesmo propósito geopolítico.

Nesta edição a exposição foi montada com base nos 30 anos de existência do festival. Por ter esse viés de resgate da história do evento, se equipara a estratégia de revisionismo da autora, auxilia na retomada de um cânone artístico que desde seu início busca a incorporação dos que foram recusados, esquecidos ou escondidos devido a sua posição geopolítica.

Também são apontados aspectos que se assemelham a Abordagem Relacional anteriormente citada, dentre os focos desse festival, é discutido como o design dialoga com as narrativas propostas pelas exposições, contribuindo para a renovação de estratégias de exibição do vídeo em diálogo com outras linguagens artísticas, ressalta assim a relevância do festival para a arte contemporânea, independentemente de ser de um tema voltado para regiões menos valorizadas no cânone artístico. Da mesma forma que o festival se declara como plataforma ampla, que contribui para estabelecer, no campo da arte, uma identidade construída a partir do vídeo, ao longo de trinta anos.

Já no 19º Festival é possível destacar relações tanto com o Estudo sobre Áreas Específicas quanto com a Abordagem Relacional. Apesar de evidenciar diversas características específicas, assim se volta ao estudo de áreas específicas, repetidamente afirmam ser um festival de arte contemporânea múltiplo, que é o que a Abordagem Relacional destaca de importância, a abolição de hierarquias, igualdade para as diversas vozes falarem ao mesmo tempo, todas como arte contemporânea.

Assim o festival proporciona um panorama instigante das estratégias, contra narrativas e indagações que muitas vezes em sutil sintonia, artistas e trajetórias mais e menos consolidadas mobilizam para confrontar a realidade contemporânea. Dessa forma é possível notar o viés de Estudo sobre Áreas Específicas frente ao todo contemporâneo, mesmo ocupando esse local de festival contemporâneo, o mesmo reforça a necessidade de outras narrativas e outras experiências que não estão presentes necessariamente na arte contemporânea.

Tal iniciativa visa, ainda, fomentar o encontro de diferentes públicos para debates, trocas de saberes e a fruição cultural como pressupostos para desencadear um processo reflexivo, em deliberada oposição ao conformismo e à indiferença que podem anestesiar os movimentos de transformação social. Portanto, pode-se notar a necessidade que o festival apresenta de modificar o âmbito artístico da melhor maneira possível, e viabilizar novas reflexões.

Este festival proporcionou um workshop “Lambada e o corpo social” com o artista Carlos Monroy, que gerou reflexões sobre origem, mestiçagem cultural e construção folclórica, que pode se equiparar aos estudos de áreas específicas anteriormente mencionados.

No 20º Festival, “Panoramas do Sul” - 03/10/2017-14/01/2018 - também é possível salientar aspectos do Estudo sobre Áreas Específicas e da Abordagem Relacional. Nesta edição iniciam a apresentação atentando para o consenso da arte contemporânea em tempos instáveis, selecionam artistas que trazem à tona o desejo da arte em ampliar as concepções de mundo, abrangem o estudo da vida, de origens, da evolução do universo, das dinâmicas de grupos sociais ao longo da história, bem como a invenção de novas formas de fazer político. Com uma fala como essa, a curadora Solange Farkas introduz o festival como âmbito comum da arte contemporânea, e utiliza-se deste

âmbito para reafirmar assuntos essenciais que além de serem recorrentes na arte contemporânea ainda precisam de reconhecimento.

Assim em uma aula aberta, sobre Reinvenção e Resistência com Ana Pato e Márcio Seligmann, o festival aborda um Estudo sobre Áreas Específicas, quando discute processos de perpetuação da violência, a produção de um contradiscurso às narrativas históricas oficiais, a questão de representação e o desejo de criar memória a partir da reintegração, no presente, de histórias obliteradas.

Um festival estabelecido há mais de três décadas no Brasil, de teor internacional, cria o 21º Festival, Panoramas do Sul - Comunidades Imaginadas - 09/10/2019-02/02/2020. E assim deixa a abordagem de temas diversificados, para focar em assuntos específicos. As comunidades imaginadas em questão são “comunidades sem estado, povos originários, comunidades religiosas de seus territórios originais, comunidades fictícias, utópicas, clandestinas ou aquelas constituídas nos universos subterrâneos de vivências sexuais e corpos dissidentes.”

Essa edição é composta por diversos Estudos sobre Áreas Específicas, de extrema urgência. A exposição joias africanas que reúne joalherias de três povos da África Ocidental que deixam marcas indeléveis na cultura brasileira: iorubanas da Nigéria, ashati de Gana e da cultura fon do atual Benin. A seleção de capas do Jornal LGBTQI+ “SNOB”, que são apresentadas em uma exposição refletindo o pioneirismo do jornal e como se deram suas transformações. A performance “#resista” na qual os artistas ensinam o público a escrever com o assoalho pélvico a palavra resista e marcham pela rampa do Sesc 24 de maio. A obra “Tela bordada”, na qual mulheres produzem um objeto carregado de sentido, por meio de um trabalho manual e coletivo, executam sobre traços materiais da violência. “The last harvest” é uma ação que alude às tensões entre o escravizado, ansioso por se libertar, e o escravizador, que tenta impedi-lo. Aqui o performer Aphiwe Livi toma o seu lugar.

O Baile das Gayrotas, que é uma espécie de microfone aberto no qual todos e todas podem ser drag, independente de quem for. Experimento Poupatempo LGBTQI+, que oferece atendimento à população trans, com serviços de retificação de nome, confecção e impressão de currículo e apoio às vítimas de violência. E por fim o “Parque de Diversões” que é um processo de formação por meio de jogos que relacionam gênero

e identidade LGBTQI+ às leis que regem os corpos no espaço público, sejam oficiais ou apenas fixadas por tradições.

Essa última edição o festival não teve receio de salientar as questões mais urgentes na contemporaneidade e falou menos de seu aspecto contemporâneo de forma geral, se atentou às causas específicas para que essas sejam escutadas.

### **3. FERRAMENTAS ACESSÍVEIS E EMPODERADORAS**

Após a investigação de quais aspectos das estratégias de Ativismo Curatorial que Maura Reilly apresenta se mostram presentes nos Festivais, estudou-se como o festival reforça a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras. A fundamentação teórica desse aspecto investigado baseia-se nas teorias apresentadas por Grear e Bollier (2020), e compara-se as teorias de Antropoceno e Comuns à plataforma dos Festivais promovidos pelo Videobrasil e pelo Sesc.

Os Festivais compõem um âmbito propício para novas abordagens e mudanças no cânone artístico, tomar consciência de que o Antropoceno é a atualidade que se vive, consiste em propor mudanças e estratégias que possam reverter a situação atual,

Antropoceno, uma nova época que significa a humanidade mais do que viajante passiva no planeta Terra. O Antropoceno sinaliza a humanidade - produzindo efeitos comparáveis a grandes mudanças geológicas. Três movimentos do Antropoceno (GREAR; BOLLIER, 2020, p.111, tradução nossa).

Sintetizando, o primeiro movimento do Antropoceno seria o impacto que os seres humanos causam no planeta, que foi tão grandioso a ponto de ser possível nomear uma era geológica graças a esta repercussão. O segundo representa a consciência que os indivíduos têm de que compõem uma espécie planetária com consequências planetárias. E o terceiro movimento é referente a respostas planetárias reflexivas dos próprios indivíduos. O terceiro é um dos menos desenvolvidos, porém o mais crucial, pois é o que pode viabilizar um futuro real a longo prazo.

O conceito de Comum é derivado do terceiro movimento do Antropoceno, pois consiste em uma resposta reflexiva dos próprios indivíduos (GREAR; BOLLIER, 2020), que anseiam que a própria estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias para poder assim trazer os questionamentos políticos e sociais e as necessidades de mudança que a sociedade contemporânea requer. Dessa forma equipara-se a teoria aos Festivais promovidos entre os anos de 2010 e 2020, que auxiliaram a construção de um âmbito plural para o cânone artístico, e tem como premissa a localização geopolítica de circuito sul, e tem alcance internacional, incluindo locais como: América Latina, África, Leste Europeu, Oriente Médio, Ásia e Oceania.

São diversas regiões com o propósito de resgatar histórias artísticas, dar visibilidade para artistas e questões marginalizadas que são urgentes. A importância de espaços abertos focados na apresentação, interação e formação do indivíduo é salientada também por Zulma Palermo,

“A modernidade produz feridas coloniais, patriarcais (normas e hierarquias que regulam o gênero e a sexualidade) e racistas (normas e hierarquias que regulam a etnicidade), promove o entretenimento banal e narcotiza o pensamento. Portanto, a tarefa de fazer, pensar e ser descolonial é a cura da ferida e a viciosa compulsão de "querer ter" o desligamento das normas e hierarquias modernas é o primeiro passo para nos refazermos. Aprender a desaprender a reaprender de outra maneira, é o que a filosofia de Amawtay Wasi nos ensinou.” (PALERMO, 2014, p.7)

Durante sua existência, e principalmente dentre os dez anos aqui estudados, os Festivais proporcionam um âmbito que mostra e viabiliza meios de ser descolonial, se tornar descolonial e aprender e vivenciar novas visões de mundo.

“Com o olhar voltado para a opção descolonial, ele concebe a arte latino-americana a partir de uma posição política e ética para propor uma “pedagogia descolonial”, ou seja, “uma pedagogia que nos estimule a refletir sobre as diferenças inerentes a esses povos com genealogias.” (...) “Ou seja, “descentralizar as lógicas estabelecidas para buscar nas profundezas das culturas - neste caso indígenas e afrodescendentes - as chaves de formas organizacionais, produtivas, alimentares, rituais e estéticas que permitem que a vida seja dignificada e reinventada para permanecer transformadora”. (PALERMO, 2014, p.16)

Assim, os festivais se mostram um local transformador, nomeados “Panoramas do Sul” eles visam dar voz a esse local Geopolítico, dão oportunidades a artistas de locais marginalizados, fazem exposições que resgatam histórias não contadas, produzem

seminários e formações com tais temáticas para que o espectador tenha um contato diferenciado e possa vivenciar a transformação caso esteja aberto.

#### **4. VÍDEO, ARTEMÍDIA E TECNOLOGIA**

O recorte temático da pesquisa de mestrado que é viabilizadora do artigo aqui apresentado, investiga as interconexões entre vídeo, artemídia e tecnologia dentro do ativismo curatorial, dessa forma estuda-se como o vídeo faz parte dos Festivais Sesc\_Videobrasil, levando em consideração as teorias de Arlindo Machado acerca da Videoarte.

O site da Associação Cultural Videobrasil proporciona um diversificado acervo de obras, textos e diversas informações tanto sobre os festivais quanto sobre outros eventos produzidos pela Associação. Dessa forma pode-se dizer que a internet e essa plataforma viabilizam o acesso do público a um âmbito artístico diverso e específico do Sul Geopolítico.

Arlindo diz que o vídeo, assim como outras tecnologias, passou a ser um meio de apresentar novos pensamentos, “No painel vivenciado nos anos 60 pela inserção do vídeo no universo da arte, é possível detectar a introdução de novas formas de pensar o tempo e o espaço a partir do meio eletrônico.” (MACHADO, 2007, p.141)

Ainda salienta como artistas, por meio das tecnologias podem criar situações inusitadas que possam gerar reflexões:

“A que estratégias recorrem os artistas que lidam com o vídeo para dar conta das abordagens em que se insere o corpo contemporâneo? De que diferentes maneiras as tecnologias possibilitam campos diferenciados de observação e são capazes de gerar formas simbólicas que reflitam isso? situações inusitadas que remetem à destruição da noção de um corpo meramente passivo e apontam para a urgência de um corpo ativo, que intervém de forma crítica e desloca de modo subjetivo o eixo de discussões até então não previstas por essas novas realidades.” (MACHADO, 2007, p.143)

O autor, por fim, mostra como os meios digitais estreitam a relação espectador e criador, de diversificadas maneiras, o que pode ser notado nos Festivais Sesc\_Videobrasil, unem formas artísticas, envoltas de variadas tecnologias que

embaralham as predefinições de artista e observador, geram um espaço de potencialidade por meio da tecnologia viabilizadora de transformação social e do cânone artístico. “Com base nos recursos oferecidos pelos meios digitais, as experiências de arte intensificam a partilha do gesto criador com o próprio espectador, de forma simultânea, presencial e em tempo real.” (MACHADO, 2007, p.146)

De acordo com Rancière, o artista pode pensar sua produção com o objetivo de criar e incentivar um espectador ativo e influenciar essa transposição urgente da passividade para a atividade. Assim ele exemplifica como essa transposição pode acontecer,

“A pensatividade da imagem é então esta relação entre duas operações que coloca a forma demasiado pura ou acontecimento demasiado carregado de realidade fora de si mesmos. Por um lado, a forma desta relação é determinada pelo artista. Mas, por outro lado, é o espectador sozinho que pode fixar a medida da relação, é apenas o seu olhar que dá realidade ao equilíbrio entre as metamorfoses da “matéria” informacional e a encenação da história de um século.” (RANCIÈRE, 2010, p.186)

Assim como a realidade é incorporada por meio da imagem em movimento e do reconhecimento daquelas imagens como reais, vividas e experienciadas. As imagens no vídeo são apresentações do real corporificadas e não representações do real, portanto compõem um aparato tecnológico relevante para um projeto curatorial ativista. O uso de tecnologias para a emancipação de espectadores por meio da arte evidencia a essencialidade de imagens pensativas:

“A arte da era estética não deixou de apostar na possibilidade que cada médium podia oferecer de misturar os seus efeitos com os efeitos dos outros, de assumir o seu papel e de criar assim figuras novas, despertando possibilidades sensíveis que tinham sido esgotadas. As técnicas e os suportes novos oferecem a tais metamorfoses possibilidades inéditas. A imagem não deixará tão depressa de ser pensativa.” (RANCIÈRE, p. 189-190, 2010)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelam curadorias a partir das quais o vídeo e a tecnologia participam do ativismo curatorial, desempenhando papel social, educativo e de enfrentamento das desigualdades. Apresenta-se inicialmente as correlações entre as estratégias que Maura Reilly (2018) sugere frente ao ativismo curatorial, e os Festivais

Sesc\_Videobrasil entre os anos de 2010 e 2020, pode-se notar que as estratégias mais utilizadas são a de Estudo sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional. Frente a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras, pode-se notar a relevância dos festivais meio à realidade contemporânea que requer mudanças urgentemente, com respaldo das teorias de Zulma Palermo (2014) e Grear e Bollier (2020) pode-se notar que os Festivais criam um ambiente comum e diverso com exposições, mostras competitivas, seminários e formações que visam a reflexão dos indivíduos participantes. O vídeo e a tecnologia compõem os festivais como facilitadores, viabilizam e aproximam o espectador tanto dos artistas quanto das próprias obras e reflexões sugeridas, para que possam ser beneficiados pela conexão com esse âmbito de forma potencializada. Reforça-se, portanto, a necessidade de pesquisas e incentivos a Festivais e Plataformas com esses vieses, para que a arte possa viabilizar espaços transformadores, para uma melhora exponencial e contínua.

## REFERÊNCIAS

BOLLIER, David; GREAR, Anna, (Orgs.). **The Great Awakening - New Modes of Life amidst Capitalist Ruins**. Punctum Books, 2020.

MACHADO, Arlindo. **Made in Brasil**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

PALERMO, Zulma. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. - 1ª ed.– Buenos Aires: Del Signo, 2009.114 p.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. 1ª edição portuguesa. Editora Orfeu Negro. Lisboa, 2010. 191p.

REILLY, Maura. **Curatorial Activism, Towards an ethics of curating**. Thames & Hudson Ltd, London, 2018.

